

Fotografia e crônica:

a construção de uma visualidade urbana moderna de

Porto Alegre nas revistas ilustradas nos anos 1920



Recortes da revista *Máscara*, 1928.

Charles Monteiro

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Departamento de História e dos Programas de Pós-graduação em História e em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Pesquisador do CNPq. Coautor, entre outros livros, de *Fotografia, história e cultura visual*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. charles_monteiro@hotmail.com

Fotografia e crônica: a construção de uma visualidade urbana moderna de Porto Alegre nas revistas ilustradas nos anos 1920

Photography and chronicle: building a modern urban visuality of the city of Porto Alegre in illustrated magazines of the 20'

Charles Monteiro

RESUMO

A proposta deste trabalho é problematizar o diálogo entre a fotografia e a crônica na construção de uma nova imagem de Porto Alegre na revista *Máscara* no contexto do processo de elaboração dos códigos culturais e de modos de sociabilidade urbanos modernos que emergiram nos anos 1920. As revistas ilustradas responderam à demanda de representação visual associada a expectativas dos grupos sociais privilegiados na cidade. A ampliação da esfera pública, a reordenação social que acompanha a proclamação da República e sua consolidação no imaginário social ganharam publicidade nas páginas desses periódicos.

PALAVRAS-CHAVE: revistas ilustradas; fotografia; crônica.

ABSTRACT

*The purpose of this paper is to problematize the dialogue between photography and chronicle in the construction of a new image of Porto Alegre in *Máscara* magazine in the context of the creation of cultural codes and modern urban modes of sociability that emerged in the 20's. Illustrated magazines responded to a demand for visual representation associated with expectations of the city's privileged social groups. Widening of the public sphere, social reorganization that follows the proclamation of the Republic, and its consolidation in the social imaginary gained publicity in the pages of these periodicals.*

KEYWORDS: illustrated magazines; photography; chronic.



As revistas ilustradas são fontes privilegiadas para pensar o diálogo entre a tradição e a modernidade no processo de elaboração de uma nova cultura visual nos anos 1920 no Brasil. No contexto das páginas das revistas ilustradas a fotografia ganha um novo espaço de circulação, amplia a gama de seus usos sociais e assume um novo estatuto em relação aos textos (crônicas, contos, poemas e crítica literária) e aos outros tipos de imagem (vinhetas, caricaturas, reproduções de pinturas e gravuras, publicidade). Os novos processos de reprodução fotomecânicos permitiram publicar imagens fotográficas com melhor qualidade e menor custo na imprensa. Na Europa, o processo teve início no século XIX. No entanto, foi a partir dos anos 1910 e 20 na Alemanha que as vanguardas artísticas criaram revistas e as transformaram em espaço de experimentação e divulgação de novas linguagens.

Como observa Martins¹, entre 1900 e 1930, a imprensa brasileira vive um momento ímpar de crescimento e diversificação da publicação de revistas acompanhado pela modernização das técnicas de impressão

¹ Ver MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

e a expansão do público leitor. Através da forma de edição de imagens fotográficas nessas revistas ilustradas estava em construção uma nova imagem de indivíduo no espaço público e de formas de sociabilidade e de consumo modernos na sociedade urbana brasileira.

Na década de 1920, a cidade de Porto Alegre passava por profundas reformas urbanas, visando a assemelhar-se à capital federal e às metrópoles européias. A revista ilustrada *Máscara* foi um dos espaços privilegiados de elaboração e difusão dos novos códigos sociais modernos e de gestão das imagens das transformações do espaço urbano, seguindo o modelo proposto pelas revistas cariocas, paulistas e mesmo francesas do período. Ela ajudou a produzir o consenso ao redor das reformas urbanas, sobretudo, entre as elites políticas e sociais, que estavam engajadas nesse processo, bem como estimulou as camadas médias a tentavam imitar os novos padrões de sociabilidade e de consumo.

Para Mônica Pimenta Velloso², cronistas e caricaturistas do início do século XX tinham a consciência de estar vivendo uma nova temporalidade. Contudo, a modernidade visada pelos cronistas e fotógrafos dessas revistas ilustradas dos anos 1920 não pretendia romper totalmente com o passado nacional ou regional, mas uma atualização desse passado e uma negociação com a tradição. Sobretudo em capitais de estados brasileiros com um passado agropastoril muito marcante e presente, como era o caso de Porto Alegre nesse período. Para Velloso as revistas ilustradas exerciam a função de “operacionalizar o moderno”, buscando “instruir” e familiarizar o público leitor com as novas coordenadas espaço-temporais.³

Nas revistas ilustradas a fotografia ganha um lugar de destaque e ao lado da charge e da publicidade, faz parte da construção de uma nova cultura visual moderna e de uma nova pedagogia do olhar. O espaço urbano se transforma e se moderniza e as práticas sociais são reelaboradas e ganham novos significados sociais gerando um novo imaginário de cidade.

O conteúdo dessas publicações era muito diversificado: textos literários (crônica, poesia, conto, crítica literária), publicidade, notas sociais, moda, política e curiosidades, eram apenas alguns dos temas que ganhavam espaço em suas páginas. Nas revistas ilustradas, repletas de imagens, a fotografia tinha lugar de destaque, tornando-se peça fundamental na difusão de novas práticas sociais e de uma nova imagem de indivíduo no espaço público moderno. Nas palavras de Ana Maria Mauad, “janelas que se abrem para o mundo por meio dos clichês fotográficos, os periódicos ilustrados possibilitaram a divulgação e assimilação rápida de imagens de pessoas, objetos, lugares e eventos contribuindo, de forma decisiva, para a criação desse novo padrão de sociabilidade”.⁴

Através das fotografias publicadas nessas revistas uma nova visualidade urbana foi sendo construída ao longo dos anos 1920. O público alvo das publicações, as elites e os grupos médios, fazia-se presente em suas páginas através da publicação de retratos de estúdio e do “deixar-se fotografar” pelas ruas e espaços públicos das cidades.

No entanto, não são apenas as fotografias que possibilitam observar a construção de novas imagens da cidade, conforme Velloso as revistas ilustradas valiam-se do diálogo entre “recursos da linguagem literária e visual”⁵ como estratégia comunicativa do moderno. Cabe ressaltar que “o moderno” aqui é entendido como expressão de uma nova sensibilidade e de novas práticas sociais vinculadas a um ideário político, que visa à inserção do Brasil no contexto internacional.

² Ver VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Cláudia de, VELLOSO, Monica Pimenta e LINS, Vera (orgs.). *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond/Faperj, 2010.

³ Ver VELLOSO, Monica Pimenta, *op. cit.*, p. 11.

⁴ MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, v. 13, jan.-jun. 2005, p. 152.

⁵ VELLOSO, Monica Pimenta, *op. cit.*, p. 7.

⁶ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13 e 14.

⁷ NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: *idem*, *ibidem*, p. 23 e 76.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 263.

Dentre os vários gêneros textuais veiculados pelas revistas ilustradas destaca-se a crônica, considerada por muitos críticos literários como um gênero menor. Segundo Antonio Candido, “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. [...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”.⁶

Por essa capacidade de “reestabelecer a dimensão das coisas” e também por seu caráter de texto ligeiro, as crônicas apresentam-se como documentos do tempo social vivido pelos cronistas e por seus contemporâneos no contexto dos anos 1920.

Num ensaio sobre crônica, história e cidade, Margarida de Souza Neves perguntava-se o que o historiador poderia aprender com a crônica. Em primeiro lugar, a respeito do processo de seleção realizado pelo cronista sobre o cotidiano, visando interpretar um acontecimento, a partir de sua ótica, para seus leitores contemporâneos. Para Neves, “é enquanto se apresentam como “imagens de um tempo social” e “narrativas do cotidiano”, que ambos podem considerados documentos, ou seja, como “construções” e não como “dados”.⁷

A partir das crônicas pode-se pensar sobre as relações entre o tempo narrado e o tempo experienciado pelo cronista: o do cotidiano e o que “mais alargadamente se vive”. Podem-se problematizar as pontes entre a percepção subjetiva do cronista e a construção social de explicações sobre o tempo presente e sua relação com o passado, no sentido de que o cronista elaboraria em sua escrita uma construção social da percepção do tempo.

É relevante também mencionar que a presença de fotografias e crônicas, nas revistas ilustradas das primeiras décadas do século XX, juntamente com outros textos literários (como contos e poemas) e de outros tipos de imagens (vinhetas, ilustrações e caricaturas) nos possibilita pensar a abertura de novos espaços de trabalho para escritores, fotógrafos e artistas. Sendo o mercado editorial dos livros ainda limitado e os espaços para a divulgação das produções artísticas muito restritas, as revistas abriram portas para a atuação de profissionais jovens e inovadores. Os periódicos ilustrados criaram novas necessidades sociais, pois, cresceu a demanda de retratos, de fotografias para a publicidade e para dar visibilidade às transformações do cenário urbano.

Porto Alegre em foco

A cidade de Porto Alegre, foco desta pesquisa, a exemplo de outras capitais brasileiras, passou na Primeira República por um processo de reformas urbanas com vistas a aproximar-se do ideal de cidade moderna. Enquanto capital de um estado governado por republicanos de inspiração positivista, Porto Alegre deveria ser o “cartão de visitas do estado do Rio Grande do Sul”, elemento de destaque e símbolo do progresso econômico e social pretendido. Conforme Pesavento, “na proposta de progresso positivista, a cidade moderna configurava-se como uma das imagens simbólicas da modernidade almejada”.⁸

Nos anos 1920, as reformas urbanas em Porto Alegre atingem seu ápice. Otávio Rocha (1924-1928), chamado de “remodelador da cidade” pelos jornais locais, promoveu um processo acelerado de modernização urbana. Ao assumir o poder o novo intendente implementou uma série

de reformas administrativas e fiscais dando início a grandes obras que visavam à modernização do centro. Em sua administração foram abertas avenidas largas, iluminadas, com amplas calçadas e arborizadas, tais como a Avenida Júlio de Castilhos, a Borges de Medeiros com seu viaduto e a Otávio Rocha com sua praça de mesmo nome.⁹

Através da imprensa, a população pôde acompanhar as transformações do cenário urbano, que se refletiram no cotidiano dos habitantes da capital gaúcha. As elites e camadas médias passaram a sair mais às ruas, frequentando as praças e jardins de inspiração europeia, praticando esportes a céu aberto e frequentando cafés, livrarias, bares e confeitarias. A revista ilustrada *Máscara* era um dos veículos de divulgação dos novos códigos sociais modernos e das transformações do espaço urbano da capital.

A revista *Máscara*, editada em Porto Alegre, no período entre 1918 e 1928, foi criada por um grupo de jovens intelectuais: De Souza Júnior, Wedemar Ferreira e Fábio Barros. O Diretor-gerente era Wedemar Ferreira e os redatores De Souza Júnior, Dyonélio Machado, J. L. Santana, Sócrates Diniz e Cyrino Prunes. Em seu expediente T. Caminha & Cia aparecem como os proprietários do “Magazine Mascara”. A publicação, que circulava na capital e em algumas cidades do interior do estado, tratava de assuntos muito diversos, da crítica literária ao mundanismo. Além de apresentar os planos de reforma urbana e o andamento das obras, a revista trazia seções como “A cidade ontem e hoje”, mostrando através de fotografias a transformação dos espaços na área central de Porto Alegre.

Inicialmente a publicação de *Máscara* era semanal, o que foi possível observar nos exemplares disponíveis dos anos de 1918 e 1919. Já os exemplares consultados referentes aos anos de 1924 e início de 1925, apresentam publicação quinzenal. Por fim, no segundo semestre de 1925, a publicação passou a ser mensal. Considerando essas alterações no formato da publicação fica difícil estimar uma média de páginas e de fotografias por edição. No entanto, no período de circulação quinzenal, ao qual se teve acesso, a média é de 100 páginas por exemplar e a média de fotografias também fica em torno de 100.

Dentre as seções da revista cabe destacar Vanity Fair, Mascara Sportiva, de Ontem e de Hoje, Actualidades, Theatros & Artistas, Chronica Social e Vida Social. As imagens fotográficas se concentravam especialmente em algumas seções, como Vida Social e Vanity Fair, que possuíam uma ou duas páginas com retratos pousados de senhoritas da alta sociedade de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Bagé e Livramento. O que aponta para o provável público leitor da revista na capital e no interior, bem como para as estratégias de casamento entre famílias tradicionais do interior e da capital. Esses retratos possuíam um efeito de *fou* e recebiam uma moldura desenhada que os fazia assemelhar-se a retratos pintados, mas também a álbuns de família pelo arranjo das fotos nas páginas. A presença de retratos com molduras assinadas por artistas (pintores ou ilustradores), coloridas e com *fou* que aproximam a fotografia da revista *Máscara* das características da fotografia pictorialista.¹⁰ A presença de fotografias de paisagens de Olavo Dutra com cenas de amanheceres, nuvens, sobras e reflexos de luz, também apontam para a influência da fotografia fotoclubista e pictorialista.¹¹

As fotografias foram classificadas em grupos temáticos: Publicidade; Festas; Carnaval; Inaugurações; Solenidades Políticas; Cotidiano; Esporte; Paisagem; Paisagem Urbana; Personalidade; Arquitetura; Arquitetura – Prédio Público; Ambientes Internos; Publicidade; Reportagem; Retrato;

⁹ Ver MONTEIRO, Charles. Urbanização e Modernidade em Porto Alegre. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza S. e AXT, Gunter (direção). *História geral do Rio Grande do Sul: República Velha 1889-1930*, tomo II. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 247.

¹⁰ Cf. MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de. *Arte e fotografia: o movimento pictorialista no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998 e COSTA, Helouise. Pictorialismo e imprensa: o caso da revista *O Cruzeiro* (1928-1932). In: FABRIS, Annateresa (org). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.

¹¹ Cf. MAGALHÃES, Ângela e PEREGRINO, Nadja Fonseca. *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

Monumento; Clubes e Sociedades. Dentre estes, o grupo temático predominante é “Personalidades”. Isso se deve ao fato de a revista apresentar colaboradores, escritores, artistas, figuras políticas e membros da elite empresarial e industrial através de fotografias, não raro acompanhadas de uma dedicatória à publicação. Em decorrência disso, há um predomínio de retratos individuais, sobretudo, de retratos masculinos de estúdio.

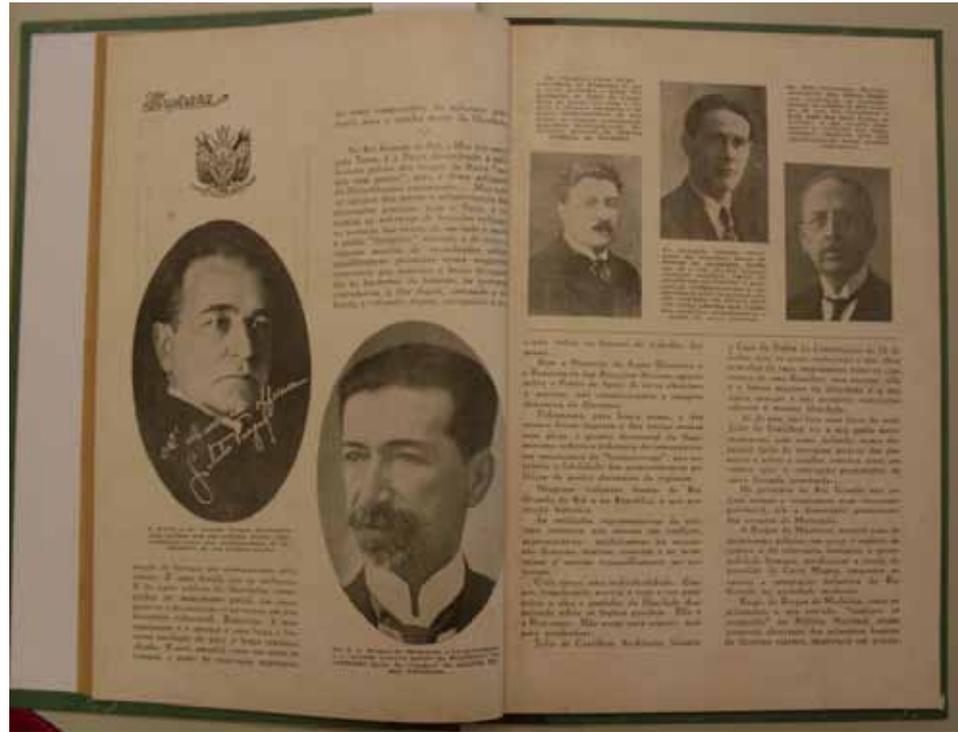


Figura 1. *Máscara*, ano XI, n. I e II, jan. e fev. 1928.



Figura 2. *Máscara*, ano X, n. I, fev. 1927.

Os retratos eram posados ou instantâneos, com grande predomínio dos posados. Pode-se destacar também o grande número de retratos de grupos, tanto de mulheres quanto de homens adultos. Nessas fotografias são retratadas as famílias da elite, os proprietários de estabelecimentos comerciais, de fábricas, e, principalmente, grupos em clubes ou sociedades esportivas. Os ambientes retratados eram predominantemente internos: salões de residências, de clubes e interiores de estabelecimentos comerciais.

Fotografias de jovens mulheres e dos filhos e filhas de indivíduos destacados na sociedade porto-alegrense ocupavam espaço significativo nas páginas da revista *Máscara*, sendo comuns retratos coletivos de irmãos. Esses retratos, posados em estúdio, conferem a revista certo ar de álbum de família, como é possível verificar nas imagens:



Figura 3. *Máscara*, ano XI, n. I e II, jan. e fev. 1928.

As fotografias de espaço externo, por sua vez, são na sua quase totalidade diurnas e privilegiam o espaço urbano, com destaque para as principais ruas, avenidas, praças e prédios de arquitetura imponente no centro da cidade.

A revista faz a celebração dos administradores municipais ao estampar na capa ou em reportagens de página inteira o Intendente Otávio Rocha e seu vice Alberto Bins. *Máscara* também apresenta e divulga os planos de reformas urbanas da administração municipal através de plantas e croquis, elencando os efeitos positivos de tais iniciativas, engajando-se nas reformas e posicionando-se ao lado do intendente no processo de higienização e modernização do espaço urbano.¹² Observa-se a utilização das imagens fotográficas muito próximas dos padrões de visualidade dos álbuns fotográficos de Porto Alegre de 1912¹³ e dos álbuns comparativos de São Paulo¹⁴ na seção “A cidade ontem e hoje” de *Máscara*, que comparava espaços do final do século XIX com as novas feições desses espaços nos anos 1920. A edição comemorativa da revista de 1922 assemelha-se ao álbum editado pelo poder público em 1922 e os álbuns comerciais dos anos 1931 e 1935.¹⁵

¹² Cf. MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

¹³ Cf. ETCHEVERRY, Carolina Martins. *Visões de Porto Alegre nas fotografias dos irmãos Ferrari (c.1888) e de Virgílio Calegari (c.1912)*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – IA/UFRGS, Porto Alegre, 2007.

¹⁴ Cf. LIMA, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica de consumo – álbuns de São Paulo (1887-1954)*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 1997.

¹⁵ Cf. POSSAMAI, Zita R. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). *Anais do Museu Paulista*, v. 14, n. 1, São Paulo, 2006.

Ou seja, representam o centro da cidade, suas principais ruas comerciais, praças e prédios públicos como o todo da cidade. A cidade urbanizada e que se pretendia moderna, expurgada do trabalho, dos conflitos e problemas sociais. A seção “Porto Alegre de ontem e de hoje” construía a imagem de uma cidade republicana moderna e higienizada com suas praças e áreas verdes frente a precariedade da cidade do Império e sua herança do período colonial. Em *Máscara* essas fotografias urbanas faziam parte do esforço de legitimação das reformas urbanas, demonstrando afinidade com o projeto político dos governos municipal e estadual.



Figura 4. *Máscara* (Número Comemorativo do Centenário da Independência do Brasil – 1922).

Em geral, as fotografias não têm relação com o texto presente na mesma página, ficando o texto restrito apenas as legendas que as acompanhavam. Sendo exceção o caso das imagens que complementam reportagens publicitárias (visto que estas contribuem para apresentação dos estabelecimentos divulgados) e as fotografias que apresentam os autores dos textos literários, das colunas e das reportagens.

Em *Máscara* as fotografias assinadas eram muito raras. No entanto, é possível encontrar retratos assinados por Virgílio Calegari, proprietário de um dos mais importantes estúdios fotográficos da cidade no período.



Figura 5. *Máscara*, ano VII, n.VII, jun. 1925.

O retrato individual ou de grupo em recepções, casamentos ou clubes publicados na revista faz parte de uma negociação entre o desejo de distinção e diferenciação do indivíduo moderno e sua conformação a um padrão social e técnico de representação.¹⁶ Os retratos jogam com uma complexa combinação entre encenação do/da modelo (pose, olhar, vestimenta, adereços), recursos da técnica fotográfica (enquadramento, figura-fundo, iluminação, retoques, colorização) e formas de edição na página (molduras, legendas com nomes, cargos, cidade de residência e qualificativos: bela, distinta, destacado membro da nossa elite etc.). Deve-se destacar a importância de artistas gráficos na forma de integrar a fotografia na linguagem visual das publicações através de montagens, da sobreposição de imagens e desenhos/vinhetas, da elaboração de bordas e margens, bem como de complicadas molduras de influência *art nouveau* e *art déco*.¹⁷

Quanto aos textos literários publicados nas páginas de *Máscara*, encontramos uma média de sete textos – entre contos, crônicas e trechos de romances – por edição. Com relação às poesias, gênero literário de maior incidência na revista, estas chegam a uma média de dez por publicação. Muitos dos autores que publicaram seus textos nas páginas de *Máscara* tiveram lugar de destaque no cenário literário local, nos anos 1920 e nas décadas seguintes. Somente para citar alguns nomes, podemos falar de Dyonelio Machado, que era médico psiquiatra, catedrático da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e deputado à Assembléia Legislativa do RS. Ele foi também redator de *Máscara*, na qual exibiu seus trabalhos como romancista, ensaísta e contista. O autor publicou diversos títulos literários e científicos entre o final da década de 1920 e os anos 1940. Dentre os textos divulgados em *Máscara* citamos o conto “Salomé”, publicado em agosto de 1925.

¹⁶ Cf. FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

¹⁷ Cf. CARDOSO, Rafael. *Uma introdução a história do design*. 3. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2008.



Figura 6. *Máscara*, ano VII, n. VIII, ago. 1925. Ilustração: Belanca.

Augusto Gonçalves de Souza Júnior era jornalista, deputado na Assembléia Legislativa do RS e diretor da Biblioteca Pública do Estado. De Souza Júnior integrou a redação de diversas revistas, entre as quais: *Kodak*, *Máscara*, *Cosmos*, *A Informação*, e *Tribuna Ilustrada*, e dos jornais *Correio do Povo* e *Jornal da Noite*. O escritor foi contista, cronista, romancista e também membro da Academia de Letras do Rio-Grandense, em sua segunda fase. Publicou cerca de quinze títulos, entre obras de sua autoria e traduções. Na edição de janeiro e fevereiro de 1928 publicou um trecho de seu segundo livro, a novela “Castelo de fantasmas”, que segundo informação da revista era o maior sucesso de livraria registrado, até então, no estado.

A partir do levantamento dos textos literários, foi possível verificar uma média de duas a cinco crônicas por edição. Estas foram classificadas nas temáticas: política; artes; sociedade; crítica social; cidade; questões de gênero e paisagem/natureza. As crônicas raramente aparecem associadas a imagens, sendo comum dividirem a página com fotografias de temáticas distintas, como por exemplo, a crônica “Ça... c’est Paris!”, de Theophilo do Andrade, publicada na edição de números I e II de 1928, que trata da vida noturna da capital francesa em páginas que trazem uma série de fotografias do centro da cidade de Porto Alegre.

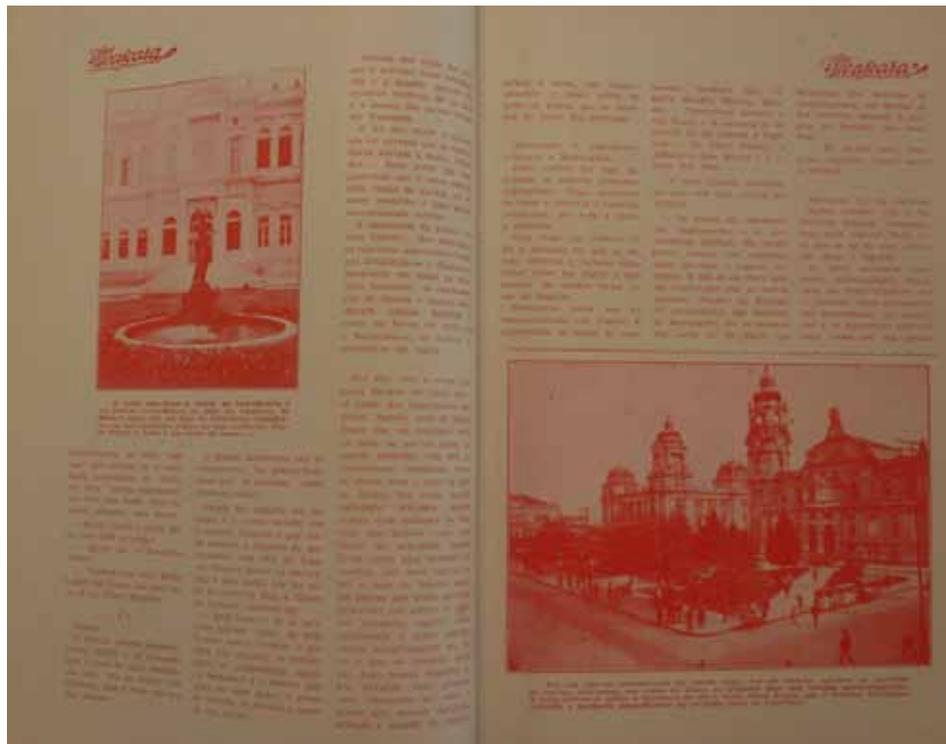


Figura 7. *Máscara*, ano XI, n. I e II, jan. e fev. 1928.

As crônicas com a temática “cidade” nos oferecem uma perspectiva interessante acerca da construção literária de imagens de Porto Alegre. A exemplo das fotografias, elas têm como cenário o centro urbanizado (avenidas, praças, prédios de grande valor arquitetônico, o novo cais do porto, etc.) e como “atores” membros das elites políticas e, especialmente intelectuais da cidade. Novamente, a exemplo das fotografias, são ressaltadas as sociabilidades modernas: cinemas, bares, restaurantes, livrarias, cafés, teatros, e até mesmo os bondes são palco dos encontros entre figuras destacadas e conhecidas do público leitor de *Máscara*. Por vezes os cronistas demonstram até certo cansaço do “ritmo frenético da vida na cidade” e buscam por espaços onde possam relaxar e contemplar a natureza.

A cidade é descrita na crônica “Porto Alegre: nobre e valorosa cidade”, publicada na edição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, de 1922, de autor não informado: “tinem as campainhas, resplandecem as fachadas dos cines. Palpita o coração da cidade. Decorativa com seus alegretes e frondes escuras, à frente plátanos, os bancos já repletos, a Praça da Alfandega. Por traz, a obstruir o cenário do Caes, a massa architectonica do Correio e Telegrapho, e da Delegacia Fiscal. Um “boulevard” arborizado. Recanto de grande metrópole”.

A seguir, em trecho de “D’O Bluff”, de Sérgio de Gouvêa, pode-se observar um dos pontos de encontro dos intelectuais – os cafés – diversas vezes descritos pelos cronistas de *Máscara*.

Mal o trem, cavallo de aço resfolegando fumo e fogo pelas narinas, entrára o Caminho Novo, eu sentia uns pruridos de capitalista, formigamentos pelo corpo todo, numa douda vontade de descer allí mesmo, de passar para um N, mais veloz, e enveredar pelas ruas do centro até achar-me no coração da cidade, sentado á uma mesinha do Colombo, palestrando com os amigos velhos, com o Fornari, com o Athos, com o Faccin.

Focos do visível

A partir da observação do grande número de fotografias publicadas em *Máscara*, cerca de uma por página e cem por exemplar, é possível constatar o caráter eminentemente visual da publicação. Essas revistas difundiram uma nova pedagogia social disciplinando os usos e formas de representação do corpo e também uma nova pedagogia do olhar. O que olhar e o que era lícito mostrar na esfera pública dentro dos cânones de respeitabilidade social burguesa e republicana. A esfera do visual era dominada pelas imagens da burguesia em retratos individuais ou coletivos posados em recepções, clubes e associações. No campo do visível observou-se a predominância de ruas e clubes do centro da cidade, excluindo-se a periferia e as partes ainda rurais da cidade.

A presença de grande quantidade de fotografias no periódico se devia à compreensão de que a vida urbana, recriada pelas técnicas fotográficas, tornara-se espetáculo para seus leitores. As imagens do periódico conferiam aos temas urbanos sentido semelhante ao do cinema, e essa foi uma das razões pelas quais o caráter mundano, ainda mais do que literário, era o grande atrativo das revistas nos anos 1920.

Nesse sentido, é possível concluir que a construção de imagens de Porto Alegre se dava muito mais a partir das fotografias do que da literatura. No entanto, apesar da disparidade numérica entre as representações, as duas linguagens convergiam no mesmo sentido. Elas procuravam apresentar apenas os grupos sociais e os lugares da cidade que possibilitavam relacionar Porto Alegre às grandes metrópoles do ocidente. Ao passo que as classes populares e as regiões mais inóspitas da capital foram relegadas a invisibilidade.

Através da fotografia e da crônica, foi sendo construída gradativamente uma nova visualidade urbana, foram geridas as transformações no espaço público e os novos códigos sociais modernos. A maneira de apresentar-se em público, as atividades de lazer e os objetos de consumo foram sendo definidos pelas elites e inspiraram as classes médias em expansão, dando forma ao imaginário da cidade moderna no contexto local.



Artigo recebido em outubro de 2014. Aprovado em dezembro de 2014.